

AS CONCEPÇÕES DE FRACASSO E REPROVAÇÃO EM DISCIPLINAS NO INSTITUTO DE QUÍMICA DA UFBA: UMA INVESTIGAÇÃO DO FRACASSO ESCOLAR

Edna Santos de Jesus
Universidade Federal da Bahia

Rodrigo da Silva Pereira
Universidade Federal da Bahia

Hélio da Silva Messeder Neto
Universidade federal da Bahia

Resumo

Este artigo resulta de trabalho de conclusão de curso da licenciatura em química. Tendo como eixo orientador o fracasso e a reprovação em disciplinas do curso de química da Universidade Federal da Bahia. As experiências destacadas de algumas entrevistas evidenciam as contradições de classe existente nas instituições de ensino de caráter elitista. Ao ingressar na Universidade, o estudante se defronta com uma falsa concepção alardeada de que “ele é igual a todos”. Essa ideia veiculada faz com que a comunidade acadêmica não desperte para o elevado grau de exclusão, ou inclusão perversa, que se soma as problemáticas institucional para aumentar as possibilidades de fracasso, desde as reprovações em disciplinas até o efetivo processo de expulsão (jubilamento) de muitos estudantes do curso de química. Na formação dos químicos da UFBA, são vários fracassos observados que são alimentados por um tratamento diferenciado, a exemplo da prioridade da matrícula para uns, da falta de políticas educacionais para acolher as pessoas nas suas diferenças, o que vem contribuindo para acentuar o índice de reprovação em determinadas disciplinas para determinados estudantes. Em lugar de orientação pedagógica surge as manifestações de forma sempre sutil, sugestão solidária por parte de algum docente para o estudante mudar de curso, bem como sinalizar as dificuldades de avanço no curso como uma incapacidade pessoal do estudante em compreender os conteúdos de química. Este trabalho realça a problemática estrutural da educação, desde a educação básica até o ensino superior, que reforçam o modelo secular de dominação e submissão entre as classes.

Palavras chave: Concepções de fracasso. Ensino superior. Desempenho acadêmico.

INTRODUÇÃO

A negação da escola foi uma condição básica para a manutenção do subemprego e perpetuação da mão de obra precarizada. Essa negação do conhecimento aos filhos da classe popular motivou a elaboração dessa pesquisa realizada em um centro de ensino superior em que pessoas de classe econômica menos favorecida vivenciam as controvérsias da inclusão social.

A exclusão e a negação do conhecimento se manifestam em todos os níveis do ambiente acadêmico. Esses elementos, a exclusão e a negação - são centrais na problemática estrutural da educação brasileira, desde a Educação Básica até o Ensino Superior. Segundo os moldes do período da revolução industrial até os dias atuais, a escola se propõem a formar e informar a elite para se manter sempre dominando, e excluir a classe trabalhadora do processo formativo.

Na Universidade Federal da Bahia, a política de cotas trouxe um viés mais reparador no que consiste às questões de acesso à Universidade pelas classes sociais mais pobres, porém, é possível afirmar que a Universidade não se estruturou para atender uma comunidade com suas diversidades socioculturais. No curso de Química, especificamente, há diferentes elementos que constituem o fracasso observados ao longo da formação dos seus estudantes. O tratamento diferenciado, a exemplo da existência de prioridade na matrícula para alunos representante da classe trabalhadora, junto à falta de políticas educacionais para acolher o público em suas adversidades contribuem para acentuar o índice de reprovação em determinadas disciplinas, para determinados estudantes do curso.

O presente trabalho foi elaborado a partir do relato de uma história de vida, cuja proposta foi a investigação sobre os fracassos no desempenho acadêmico na trajetória de vida de alguns estudantes do curso de Química da Universidade Federal da Bahia. A questão norteadora é: Quais as causas do fracasso escolar dos estudantes do curso de Química da Universidade Federal da Bahia? Para responder a tal questão, foram ouvidos estudantes e professores do referido curso. Os relatos revelam os sinais de dificuldade no desenvolvimento

da trajetória acadêmica dos estudantes. Esses sinais se manifestam de forma sempre sutis, como, por exemplo, um convite solidário por parte de alguns professores para que o estudante mude de curso, bem como a sinalização das barreiras existente no curso como uma incapacidade pessoal do estudante em compreender os conteúdos de química, além de afirmações em aula que, estudantes reprovados em uma determinada disciplina ocupariam a vaga de quem tem capacidade de ser aprovado.

2. CONCEPÇÃO DE FRACASSO ESCOLAR

O fracasso escolar é um fenômeno que surge na segunda metade do Século XIX com a instauração da escolaridade obrigatória, (CORDIÉ apud BOSSA, 2002 p. 19). Para Patto (1993):

O fracasso escolar tem suas raízes históricas na revolução política francesa (1789 -1792) e na revolução industrial inglesa que tem como marco a construção, em 1780, do primeiro sistema fabril do mundo moderno e coroa o surgimento de relações de produção inéditas na história, no seio dos quais se elaboram justificativa para sua nova maneira de se organizar a vida” (PATTO, 1993, p. 10).

Além dos aspectos históricos, segundo Patto (1996) a classe dominante defende também a ideia que os alunos de nível socioeconômico e cultural baixo apresentam desempenho escolar inferior. Sendo, por tanto, os principais candidatos à repetência e/ou desistência, levando-os ao fracasso escolar devido a qualidade de ensino que lhe fora ofertada.

Para Ireland (2007) existem três configurações conceituais sobre o fracasso escolar que podem ser identificadas. A primeira envolve a noção de dom, já ultrapassada do ponto de vista teórico, mas ainda viva no senso comum e no discurso dos docentes. Uma segunda configuração, que dominou o palco argumentativo nas décadas de 1970 e 1980 e ainda constitui o discurso dominante entre os docentes, considera a reprodução social. Outra possibilidade de análise do fracasso escolar, segundo a autora, refere-se a noções como a de mobilização, de atividade, de relação com o saber, que propõem ir além da teoria da reprodução, sem por isso negar a desigualdade social perante a escola.

O fracasso escolar afeta um determinado quantitativo de estudantes do sistema público de ensino porque a estes são negados o ensino de qualidade desde os anos iniciais do ensino fundamental.

As relações de ensino e aprendizado no Instituto de Química são estabelecidas pelas contradições de classes, à medida que a Universidade reproduz essas ideias burguesas e cria na mesma sala de aula “ambientes diferentes”, em níveis de acessibilidade diferente para aqueles oriundos de classe socioeconômica baixa, que não se vê contextualizado nesse ambiente e nem como parte dele, até os dias atuais a Universidade se apresenta como lugar social voltada para a elite.

No Instituto de Química as questões relacionadas a empatia do professor para o aluno em função das características socioeconômicas do estudante, a preferência em matrículas das disciplinas, sob o pretexto de que aquele aluno que não está semestralizado, só se matriculara se sobrar vaga no componente curricular, assim como, a afirmativa de que “adentrou à universidade todos são iguais” e em alguns momentos, chegam até a tentar descaracterizar a função social das cotas, considerando o indivíduo que acessou a Universidade por meio dela um ser menos provido de inteligência, esses e outros relatos, são experiências vivenciadas pelos estudantes que foram entrevistados.

Por mais uma vez, a pesquisa de Maria Helena de Souza Patto realizada na década de noventa nos mostra que as ideias burguesas são reproduzidas século após século, e corrobora para manutenção dessa classe no poder.

O FRACASSO ESCOLAR DA CLASSE TRABALHADORA

Baudelot e Establet (1988) defendem que a escola, vista como aparelho ideológico, é um instrumento da burguesia na luta ideológica contra o proletariado. Para esses autores, a possibilidade de que a escola se constitua em um instrumento de luta do proletariado fica descartado (BAUDELLOT e ESTABLET, apud, SAVIANI, 1988 p. 26). Isso se deve a compreensão de que a partir da aliança Estado - burguesia, as escolas oferecem ensino diferenciado para os filhos dos operários.

Nessas condições, o ensino é ofertado como instrumento de desenvolvimento profissional sem alcançar, muitas vezes, o nível mínimo de consciência para que esses indivíduos sejam instrumentos de transformação da sua realidade. Enquanto isso, as escolas da elite buscam formar um cidadão crítico e consciente em sua totalidade enquanto sujeito politicamente ativo nas suas participações sociais. A partir dessa reflexão pode-se compreender que o fracasso escolar é um fenômeno estruturado intencionalmente para refletir seus impactos de insucesso na vida profissional e acadêmica da classe pobre.

Durante os Séculos XVIII e primeira metade do século XIX, o termo fracasso escolar na classe trabalhadora fica até certo ponto desalinhado, visto que não existia oferta de escola para essa classe. O fracasso escolar nasceu junto com a oferta de escolas públicas para a população mais carente na segunda metade do Séc. XIX, em meio a uma sociedade emergente com asseio de expandir suas fronteiras comerciais e de consumo. Eis que surgem as ideias de fracasso como julgamento moral do indivíduo, que busca na escola uma alternativa para escapar da falta do ter, considerando que ser bem-sucedido no ambiente acadêmico remete a uma perspectiva de ter acesso a bens e, conseqüentemente, ser respeitado (BOSSA apud CORDIÉ 2002 p. 19).

Diante da necessidade da escolarização em massa, novas teorias foram elaboradas por psicólogos educacionais do século XIX para explicar o fracasso escolar. Baseada na teoria do déficit de aprendizado, e da carência cultural, consolida mais uma das estratégias da burguesia para manter as crianças pobres fora do sistema educacional (HOBSBAWN apud PATTO, 1970, p. 219- 220).

Mesmo a materialidade histórica do fracasso sendo originada em função das diferenças e antagonismo das classes, fato que ficou perceptível com o avanço da luta de classe do proletariado iniciada no século XVIII, ainda há associações de que o fracasso escolar não é objeto analisável como diz Charlot segundo a análise de Ferreira.

Charlot apud Ferreira (2005), defende que o fracasso escolar se constituiu como uma realidade social, contudo, não pode ser abordado como um objeto analisável, pois, segundo o autor, o fracasso escolar não existe, o que acontece é que surgem situações de fracasso, histórias escolares que terminam de forma não agradável, que devem ser analisadas individualmente cada uma.

[...] é uma diferença: entre alunos, entre currículos, entre estabelecimentos [...] O aluno em situação de fracasso, ocupa no espaço escolar uma situação diferente da do aluno em situação de êxito – sendo essas posições avaliadas em termos de notas, indicadores de sucesso, anos de atraso, lugar em um sistema escolar hierarquizado etc. (CHARLOT, 2005, p. 17, apud, Ferreira).

Patto, assim como demais autores supracitados, indicam que o fracasso escolar ao longo da História é um reflexo das forças antagonicas estabelecida pela divisão entre as classes. O fracasso escolar se estruturou na sociedade de classes, em todos os níveis e etapas da educação, desde o período da Revolução Industrial até a atualidade. A partir do exposto, é

possível afirmar que fracasso escolar não é fruto do acaso de uma determinada classe social que, por vontade própria, não alcançou patamares mais elevado na sua trajetória intelectual. O fracasso resulta de várias estratégias para fazer o indivíduo se considerar como sujeito inferior devido as condições sociais que o cercam, em determinada época. A burguesia ganhou destaque na formação de profissionais da educação como psicólogos, pedagogos, professores e outros membros da equipe técnica escolar, que atuaram nas escolas de higiene mental (PATTO, 1993).

Metodologia

Após a revisão da literatura, foram elaborados os roteiros de entrevista e realizadas as entrevistas semiestruturadas. Considera-se aqui que a entrevista semiestruturada, é aquela que parte de certos questionamentos básicos apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo interrogativo fruto de novas ideias que vão surgindo à medida que se recebe as respostas dos entrevistados, desta forma o entrevistado tem livres linhas de pensamento e pode contribuir mais com o conteúdo da pesquisa (LUDKE, 1986, p. 145 - 152).

Análise dos dados

Ao longo da entrevista buscou-se conhecer os fatores que contribuíram para as reprovações e insucesso escolar a partir da experiência de professores e estudantes do curso de química.

Alguns estudantes afirmaram que as dificuldades que conduziam para o fracasso tinham ligação com uma ausência de conhecimentos básicos para alicerçar a construção dos novos conhecimentos requeridos no curso. Outro ponto abordado diz respeito a prática pedagógica dos docentes. Segundo os estudantes entrevistados, a didática adotada pelo professor não favorece a apreensão dos conteúdos.

Os professores afirmam que as principais causas “são a falta de estudo, [falta] horas de estudo individualizado em casa” Essa postura os leva a sucessivas reprovações. Foram destacadas algumas questões e respostas extraídas da entrevista entre os estudantes e professores voluntários da pesquisa.

Quando perguntados como professor e estudante avaliam o aprendizado, foram obtidas as seguintes respostas;

Às vezes eu sinto que ao decorrer do tempo eu sei menos que no início, porque eu acho, que o nosso curso é muito teórico; falta um pouco de empenho dos professores em associar a teoria e a prática, então muitas coisas ficam abstratas na sua cabeça e você acaba não sabendo como explicar as coisas, e quando você vê na prática você fica meio sem saber associar (Estudante).

É quando você tem uma base que permita resolver problemas e situações, porque a todo tempo a gente se depara com novas situações na vida... Quando a gente tem uma boa base, a gente começa a encontrar o caminho para resolver as situações e quando a gente não tem uma boa base significa que a gente não aprendeu e não consegue resolver os problemas; e uma coisa simples, pode se tornar complicada porque você não tem aquela parte que lhe permite se desenvolver nas várias direções que você quer (Professor)

Quando solicitado que o estudante analisasse seu conhecimento adquirido ao longo das aulas, ele diz que percebe dificuldades ao associar as teorias e as práticas, essa associação em um curso que é em sua essência experimental de fato configura uma das possibilidades de avaliar se o aprendizado se deu de forma efetiva.

Quando o professor fala sobre o aprendizado ele retoma a ideia falada pelo estudante sobre associar a teoria com a prática, para o docente o aprendizado ocorre de maneira efetiva se os estudantes correlacionam os conhecimentos adquiridos com novos problemas e consegue propor soluções. Porém, não consideram que sua prática pedagógica pode contribuir para elevar ou diminuir o rendimento acadêmico da sua turma.

Em relação a concepção que o estudante e o professor têm acerca do fracasso escolar foram levantadas as seguintes considerações:

Eu acho que fracasso escolar é quando o aluno não está conseguindo acompanhar a proposta metodológica da disciplina ou do curso; Eu acho que é a incapacidade de alcançar o objetivo final (Estudante)

Talvez o aluno está fazendo o curso por segunda opção ou por falta de opção ou por não saber o que fazer. Química não é uma disciplina fácil, talvez o professor de física fale a mesma coisa, o de matemática a mesma coisa, não são disciplinas fáceis! [...] falta muito interesse. Eu não vou culpar o interesse porque talvez o cara esteja fazendo um

curso que ele não queira fazer. [...] então, existe uma desilusão do aluno e talvez um nível de exigência que ele não está acostumado fora daqui porque na Universidade Federal você dá sua aula, se você reprova metade dos seus alunos, tchau até logo (Professor).

À pergunta sobre: o que os entrevistados compreendem sobre fracasso escolar, o tema foi associado ao baixo grau de entendimento do programa metodológico da disciplina e falta de didática do professor, que compromete o desenvolvimento do estudante no processo acadêmico. Já na lógica docente, os fatores que contribuem para as reprovações, abandono, e desistência são as incertezas do que fazer ou o despreparo do estudante.

Quando questionado se o estudante percebia o fracasso escolar no instituto de química. Foram dadas as seguintes respostas.

Para mim esse fracasso no Instituto de Química está estabelecido a partir do momento que numa (sic) turma de 40 alunos, 38 são reprovados e apenas dois são aprovados. Além do mais, diversas vezes durante o meu curso eu vi meus colegas que tinham uma determinada amizade com professor (aquela famosa panelinha) eram aprovados assim... Mesmo sem obter as notas suficiente para tal (Estudante).

[...] eu não posso nem dizer que o fato de não conseguir alcançar boas notas para ser aprovado em determinadas disciplinas seja algo pessoal, porque no Instituto de Química, alguns professores não estão lá para ensinar, e sim para fazer pesquisa; por isso muitos não têm compromisso com a graduação, além de serem vaidosos. Exalam arrogância de tal forma que nos impedem até de participar da aula, de fazer questionamento e expor nossas dúvidas, sem falar daqueles que mandam a gente passar na sala dele e das muitas vezes que cheguei lá na sala foi recebida com “Não posso lhe atender, passe outra hora” (Estudante).

A maioria dos estudantes entendem que o fracasso escolar é fruto das relações interpessoais que se estabeleceram no Instituto e interfere negativamente no aprendizado que deveria ser mediado na rotina das aulas, e mostra que a aprovação é uma questão de relações e não de aprendizado quando cita as aprovações.

Quando questionados sobre o aspecto de como diminuir as reprovações? Foram abordadas as seguintes considerações.

Eu acabei percebendo que não só aqui, mas em outros lugares existem essas briguinhas políticas de professores olhando só para o seu

umbigo, e acabei me empenhando mais para aprender o máximo possível e não desistir. Eu acho que isso funcionou porque ao longo dos semestres reprovação é uma coisa que não vem acontecendo. E mais perseverança minha, isso são coisas que estão ao meu alcance, porque eu não posso mudar o professor; cabe a mim a perseverança e fazer o meu melhor, e eu acho que tem dado certo (Estudante).

[...] eu acho que reprovação é apenas um número. Aqui no instituto de química eu vejo que precisava fazer um trabalho envolvendo profissionais da área de psicologia de pedagogia para incentivar os alunos a estudar de fato de modo diferente, sair da zona de conforto e parar de entender que química é uma disciplina que pode decorar, e eles precisam de fato aplicar os conhecimentos das disciplinas fundamentais nas disciplinas que vem depois. Então só com trabalho em sala de aula. Com profissional da área de química dificuldades que os alunos apresentam que seja as dificuldades porque não fez o ensino médio adequado a dificuldade financeira ou que mora muito longe da Universidade chega tarde, isso tudo precisa de um trabalho mais árduo envolvendo profissionais de outras áreas para motivar nossos alunos (Professor).

No entendimento do estudante, diminuir o índice de reprovação passa a ser uma questão individual que, em muitos casos não contam com auxílio pedagógico e de nenhuma outra natureza.

São apresentados diversos entendimento por parte do docente acerca dos métodos para diminuir as reprovações, em alguns casos a reprovação é vista apenas como um número sem representatividade no contexto acadêmico em outros casos há uma consciência de que os estudantes estão desmotivados e “confortáveis” com a situação de baixo rendimento nas disciplinas de química. Essa diversidade de opinião é útil para manter os níveis de desigualdade em alta no reduto mais intelectual da sociedade Baiana.

CONCLUSÃO

Com análises das entrevistas, não foi possível trazer elementos que pudessem comprovar como a instituição de ensino se organiza ao longa das décadas para não servir a classe trabalhadora nas múltiplas determinações do aprendizado. No entanto, os conflitos interpessoais entre professores e estudantes, entre o corpo docente, e entre o corpo discente é, de acordo com os estudantes, o fator gerador das dificuldades de aprendizado

Outro fator importante, está relacionado com os estudantes que nesses espaços aprendem a não se importar com a condição acadêmica dos colegas. As comunicações são feitas entre grupos fechados, uma quase “comunidade secreta”. O egoísmo dos colegas também fora citado com elemento contribuinte da manutenção das diferenças, hostilidade vivida na Universidade por pessoas de grupos socialmente excluídos. Como afirmam Ceccon, Oliveira e Oliveira (1989):

[...] as pessoas aqui são bem egoístas às vezes, e isso contribui muito para o insucesso de alguns colegas [...] cada um procura se virar como pode. Cada estudante só pensa no seu sucesso pessoal, sem se preocupar com o destino dos outros (CECCON; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 1989, p. 73).

O individualismo e a competição, próprios das ideias dominantes, conduzem as relações pessoais no ambiente para patamares degradantes de socialização profissional, tornando a ambiente acadêmico uma fábrica de produção de individualismos dissociados da dimensão de formação humana e convívio social.

SOBRE O (A/S) AUTOR(A/S)

Edna Santos de Jesus

Licenciada em Química. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação (PGEDU) da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Integra a Linha de Pesquisa em Políticas e Gestão da Educação e o Grupo de Pesquisa em Gestão Escolar; Bolsista CNPQ.

E-mail: edna-marone@hotmail.com

Rodrigo da Silva Pereira

Doutor em Políticas Públicas e Gestão da Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB).

Professor Adjunto da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Integra a Linha de Pesquisa em Políticas e Gestão da Educação e coordena o Grupo de Pesquisa em Gestão Escolar. E-mail: pereirarod@gmail.com

Hélio da Silva Messeder Neto

Doutor pelo programa de pós-graduação em ensino, filosofia e história das ciências, Universidade Federal Da Bahia - UFBA; Universidade Federal da Bahia - Brasil; programa de Ensino, Filosofia e História das Ciências. E-mail: helioneto@ufba.br

REFERÊNCIAS

CECCON, C.; OLIVEIRA, M. D.; OLIVEIRA, R. D. A vida na escola e a escola da vida. 24º ed. Metrópole RJ: Vozes, 1982.

FORGIARINI, S. A. B.; SILVA, J. C. **Escola pública: fracasso escolar numa perspectiva histórica.** Disponível em: < <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/369-2.pdf>> Acesso em: 30 de maio de 2018.

FERREIRA, C. M. S. Fracasso escolar. **Org. Soc.**, Iturama, v. 5, n. 3, p. 128-139, 2016.

GENGHINI, E. B. O ensino superior no Brasil: fatores que interferem no rendimento escolar e a visão dos alunos sobre suas dificuldades de aprendizagem. **Revista de educação**, Guarulhos, v. 1, nº. 1, p. 20. 2006.

HOFFMAN, J. **Avaliação mito e desafio: uma perspectiva construtiva.** 39 ed. Porto Alegre: Mediação, 2008.

IRELAND, Vera. **Repensando a escola:** um estudo sobre os desafios de aprender. Ler e escrever. Brasília: UNESCO, MEC/INEP, 2007.

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública:** a pedagogia crítico-social dos conteúdos. 8. ed. São Paulo: Loyola, 1989.

LUDKE, M.; ANDRE, M. E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986. Cap.1 e 3.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar:** histórias de submissão e rebeldia. São Paulo, 3ª ed, v.6, T.A. Queiroz, 1993, p. 9- 118.

PENIN, S. T. S. Política educacional o revigoramento da pratica cotidiana. **Cad. Pesq.** São Paulo, v. 69, p. 80-85, 1989.

PEREIRA, D. S. C. O ato de aprender o sujeito que aprende. **Construção Psicopedagógica**, São Paulo, v. 18, n.16, p. 112-128, 2010.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 4 ed. Campinas-SP: Autores Associados, 1981, p. 27- 34.